

# Editorial

---



No número passado nos referimos a condição política, econômica e social no Brasil e a necessidade da persistência. Mais um número se inaugura e continuamos sem um presidente eleito e a continuidade de uma justiça e uma mídia parcial. Como já era esperado, este estado de exceção atingiu todos os campos sociais, econômicos e políticos. O desmonte das empresas estatais, a intervenção militar a destruição de direitos trabalhistas duramente conquistados em mais de um século. A pena em Brasília, as armas no Rio de Janeiro, o silêncio espúrio da mídia. Este estado de exceção atravessou, e a palavra não está aqui por acaso, a educação e o ensino. Cortes de verbas, fechamento de programas de pesquisa, diminuição de bolsas de pesquisa, legislações apressadas.

Muitas vozes se levantam em diversos cantos do país muito embora a grande mídia silencie. A academia está fazendo sua parte. Cursos sobre o golpe de 16, livros e artigos publicados analisando todo o entorno do golpe, reivindicações de continuidade dos recursos da educação.

Além disso, persistimos. Persistimos nas pesquisas, persistimos no ensino e persistimos na extensão. Persistimos na vocação que nos cabe.

O primeiro artigo **Percepções de professores das séries iniciais sobre o ensino de ciências em uma escola de São Mateus – ES** de Valdirene Bernadino Pires e Gustavo Machado Prado, traz contribuições importantes ao analisar o ensino pela perspectiva do professor. Conhecer quem educa é essencial no processo ensino-aprendizagem.

Marinalva da Silva Ferreira, Márcia Jussara Hepp Rehfeldt e Jacqueline Silva da Silva no artigo **Ferramenta digital para a produção de histórias em quadrinhos: análises de situações de aprendizagem numa turma de primeiro ano do ensino fundamental** abordam o uso das tecnologias da informação e as HQs como ferramenta para a construção do texto autoral.

**O projeto político pedagógico numa creche universitária mediante gestão democrática** é o título do artigo de Lorrana Neves Nobre e Maria José Rassele Soprani que aborda os desafios para que a construção do projeto político pedagógico na creche da Universidade Federal do Espírito Santo.



Ao analisar a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), Thiago Beirigo Lopes, Ana Cláudia Tasinaffo Alves, Marcelo Franco Leão e Mara Maria Dutra analisam a pseudo-contextualização nas provas das três últimas edições no artigo **Análise quanto à pseudo-contextualização nas provas da primeira fase das três últimas edições da OBMEP (2015-2017)**.

Taís Steffenello Ghisleni, Elsbeth Léia Spode Becker e Matheus Silveira Jardim em uma pesquisa ainda em andamento utilizam a Prova Brasil para averiguar a influência da família nos hábitos de leitura dos estudantes do 5º Ano no artigo **Influência das famílias nos hábitos de leitura dos estudantes do 5º ano – Prova Brasil 2015 – No município de Dona Francisca – RS**.

**A Educação Profissional e Tecnológica no Brasil: uma trajetória de projeções utilitaristas e seus percalços** retoma historicamente a construção da educação profissional no Brasil até a construção dos Institutos Federais e seus impasses metodológicos. Escrito por Manoel Tadeu Alves dos Santos e Ailton Pereira Morila.

Niterói, no estado do Rio de Janeiro, ambienta a pesquisa de Maria Beatriz Dias da Silva Maia Porto e Carla Vater de Almeida utiliza um laboratório portátil contendo material de baixo custo nas aulas do 5º ano no artigo **Atividades práticas nas aulas de ciências nos anos iniciais: caminhos para a aprendizagem significativa e para a alfabetização científica**.

O último artigo deste número, **Ensino de química e inclusão: pensando outramente as práticas pedagógicas docentes** de Bruna Gabriela Nico Pereira Herculano, Gilmene Bianco e Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado abordam questões do ensino de química e inclusão a partir das práticas docentes.

A nova seção anunciada no número anterior conta com 3 relatos de experiência. Acreditamos que esta seção é um incentivo a mais para que os educadores possam pensar e repensar suas práticas de ensino. Também são importantes para a pesquisa em ensino por trazer material rico, diversificado e atual.



O primeiro é **Utilização de paródias como estratégia de ensino em aulas de química geral na formação inicial de professores** de Marcelo Franco Leão, Ana Cláudia Tasinaffo Alves, Thiago Beirigo Lopes e Mara Maria Dutra que relata a atividade de construção de paródias com 36 estudantes do 1º semestre do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza – Habilitação em Química do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) no município de Confresa-MT.

**Atividades Experimentais: divulgando ciências para estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental** de Bárbara do Couto Pretto, Robson Luiz Dal Ponte, Adriana Belmonte Bergmann, Miriam Ines Marchi e Marli Teresinha Quartieri analisa o evento “Aprender Experimentando Júnior” em experiência realizada em outubro de 2017, com a participação de alunos de diferentes escolas, num período de 3 dias, nos turnos da manhã e da tarde em Lajeado, RS.

O último relato se passa em São Mateus-ES e intitula-se **Oficinas pedagógicas no Ensino Médio: dialética na produção de saberes com estudantes oficinairos** de Flavio Pereira de Jesus, Ana Libania Alves Rodrigues. A experiência aborda a realização de oficinas pedagógicas pelos próprios alunos do ensino médio como parte da programação da Feira de Ciências e Tecnologias da escola.

Em tempo: além da publicação normal da revista, já está aberta a submissão para o primeiro dossiê da Revista. Trata-se de do dossiê intitulado Comunidades tradicionais e escola: enlace de aprendizagens e territórios de conhecimentos organizado por Eliane Gonçalves da Costa (PPGEEB/UFES); Regina Soares de Oliveira (UFSB) e Záira Bomfante dos Santos (DECH/UFES).

O Dossiê reunirá artigos que destaquem o diálogo entre as diferenças; reconheçam o papel da ciência, a importância dos conhecimentos produzidos, reproduzidos e conduzidos pela academia e pela escola, mas, sobretudo, compreendam o valor em integrar conhecimentos sistematizados pela educação não formal, para que a sala de aula seja um espaço de encontro de aprendizagens e de produção de conhecimentos que valorizem a diferença,



desvendando a relação existente entre a educação formal e não formal. Serão apreciados trabalhos que versam sobre: comunidades tradicionais, ensino e meio ambiente; etno-matemática e ensino; educação para as relações étnico-raciais; territórios, conhecimentos e escola; comunidades tradicionais, ensino e linguagens (línguas, literaturas e demais artes); outras filosofias (ameríndias e afrodescendentes).

Corra, o prazo final para envio de trabalhos é 31 de agosto de 2018.

Boa leitura.

Ailton Pereira Morila

Marcia Helena Siervi Manso

Marcia Regina Santana Pereira

